

**POR QUE RETOMAR O DEBATE SOBRE “CASAMENTOS E DIVÓRCIOS” ENTRE
FEMINISMO E MARXISMO?**

**¿POR QUÉ REANUDAR EL DEBATE SOBRE “MATRIMONIOS Y DIVORCIOS” ENTRE
FEMINISMO Y MARXISMO?**

**WHY RESUME THE DEBATE ON “MARRIAGES AND DIVORCES” BETWEEN
FEMINISM AND MARXISM?**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v17i1.66282>

Lívia de Cássia Godoi Moraes¹

As décadas de 1960 e 1970, no Ocidente capitalista, foram marcadas por um forte movimento de mulheres por libertação. As revoluções e contrarrevoluções do século XX tiveram intenso impacto na constituição desses movimentos, que remavam na contramão de posições conservadoras da extrema-direita, ao mesmo tempo em que parte das mulheres organizadas rejeitava o economicismo e o determinismo no interior das esquerdas, constituindo a chamada “nova esquerda”. Assinalamos a importância das organizações autônomas de mulheres negras, que foram protagonistas na defesa da indissociabilidade entre classe, raça, gênero e sexualidade, com destaque ao movimento Combahee River (2019 [1977]).

É nesse contexto que foi escrito o livro *Women & Revolution: a discussion of the unhappy marriage of Marxism and Feminism* [Mulheres e Revolução: uma discussão sobre o casamento infeliz entre marxismo e feminismo]. O capítulo que introduz o debate foi escrito, entre 1975 e 1977, por Heidi Hartmann². No referido capítulo³, que teve uma primeira publicação similar no ano de 1979, na revista *Capital & Class*, há a comparação entre marxismo e feminismo com um casamento infeliz. Assim como acontece entre marido e esposa, cujas posições do marido sempre prevalecem, ocorre com o marxismo em relação ao feminismo, cria-se uma relação de subordinação do feminismo ao marxismo. Diante de tal constatação, Hartmann (1981) traz proposições para uma “união mais progressista entre feminismo e marxismo”⁴.

O debate de “casamentos e divórcios” entre feminismo e marxismo resulta, segundo Lydia Sargent (1981), de dois movimentos relevantes naquele período, por um lado os desafios das mulheres comporem as lutas pela libertação na nova esquerda nascente e nas lutas por direitos civis, ao mesmo

tempo em que realizavam inúmeras tarefas domésticas e de cuidados; por outro lado, havia as questões teóricas, tais como: quem é sujeito da revolução? Qual libertação ocorre no processo revolucionário? Quem cuida dos problemas domésticos no curso de uma revolução?

O livro, publicado em 1981, no Canadá, pela editora Black Rose Books⁵, coincidiu com um período de descenso das lutas revolucionárias, de fortalecimento do pós-modernismo e de uma ideia de “morte” de Karl Marx, seja da relevância da sua teoria, seja da sua inspiração para a luta política. Também é concomitante com o processo de institucionalização do feminismo, que integrou várias dessas mulheres nas universidades e em entidades governamentais ou em organismos multilaterais, incorporando e, ao mesmo tempo, apassivando as pautas feministas.

O livro organizado por Sargent (1981) reúne quinze capítulos, e tem o mérito de explicitar pautas muito relevantes das feministas daquele período, de maioria ocidental do Norte Global, mas não somente, bem como os embates teórico-metodológicos entre elas. Destacamos os capítulos de Iris Young⁶ e Lise Vogel⁷, que, em resposta a Hartmann, por um lado, concordam com ela, de que é possível uma relação renovada entre feminismo e marxismo, mas, por outro lado, vão além, afirmando que o marxismo não é indiferente⁸ ao gênero, e que é possível, desde o marxismo, e pelas questões postas pelo feminismo, dar melhores respostas aos dilemas daquele tempo, através de uma teoria unitária.

No Brasil, o contexto era semelhante no que diz respeito às mulheres no interior da esquerda. Eva Blay publicou “O feliz casamento entre feminismo e marxismo”⁹ (2017), um texto no qual relatou a predominância do discurso ensinado pelo marxismo-leninismo no interior da esquerda brasileira, bastante hierarquizado, em que se afirmava que, primeiro, viria a luta de classes, depois as “outras questões”. Para explicitar essa posição, ela traz informações da Conferência Nacional do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1956, que discutiu as relações entre a emancipação da mulher e o partido, tema que foi retomado na “Conferência específica sobre a Emancipação da mulher no partido”, do mesmo partido. A reivindicação vinha das mulheres do PCB, que questionavam a posição secundária que ocupavam no partido e na sociedade.

Blay (2017) observou, na segunda metade do século XX, uma grande mudança na atuação das mulheres no mundo público e no questionamento das relações “herdadas do patriarcado”¹⁰. Apesar da expansão dos movimentos feministas no Brasil, ainda constatou que persistiam duas correntes: uma que defende a necessidade de lutas específicas, que provoquem alterações nas relações de dominação de gênero, e outra, mais mecanicista, que acredita que a mudança adviria, com o tempo, em consequência das conquistas da luta de classes. A socióloga não rechaça o marxismo, e advoga que, ainda nessas condições, é possível ir além da luta de classes sem abandonar as classes, ou seja, trazer as pautas feministas sem que seja necessário abandonar o marxismo, daí a possibilidade de um casamento feliz entre marxismo e feminismo.

Em âmbito internacional, a década de 1990 e o início dos anos 2000 foram marcados pela hegemonia neoliberal na economia, na política e na ideologia. E não é equivocado dizer que segue hegemônico. Contudo, a materialidade concreta no movimento da história impôs alguns revezes. A crise financeira do capital entre os anos 2007-2009 trouxe à tona novamente o debate da centralidade do

trabalho, os desenvolvimentos teóricos marxistas sobre o capital, e inúmeras lutas, que reavivaram não só a classe trabalhadora, mas pautas que ficaram circunscritas aos limites do liberalismo naquelas últimas décadas, como o feminismo, o antirracismo, a antiLGBTfobia, a questão ambiental etc. agora instadas desde uma perspectiva marxista, portanto, revolucionária.

[...] o que tivemos entre as décadas de 1980, 1990 e 2000 foi, antes de tudo, a virada linguística na teoria feminista, com a predominância do feminismo pós-estruturalista em várias versões e, é claro, em um nível muito *mainstream* (portanto, não no nível da academia, mas no nível da consciência social), claramente a hegemonia do feminismo liberal e a predominância de uma abordagem individualista da emancipação e libertação das mulheres. Nesse contexto, o marxismo – e o feminismo marxista, em particular – foram tratados, de alguma forma, como um cachorro morto (Arruza entrevistada por Marcelino; Della Torre, 2020, p. 151-2)

O debate de “casamentos e divórcios” entre feminismo e marxismo parecia ter se encerrado na década de 1980, mas com essa recente oxigenação do marxismo, ele volta a ser relevante. Em 2010, Cinzia Arruza lançou, na Itália, o livro *Le relazione pericolose - Matrimoni e divorzi tra marxismo e femminismo*¹¹, no qual a filósofa faz uma retomada histórica de aproximações e distanciamentos entre feminismo e marxismo e, ao final, propõe uma “união *queer*” entre marxismo e feminismo, cujo cerne do argumento é a defesa de que a classe não se reduza a gênero, e gênero não se reduza a classe, na perspectiva de uma teoria unitária.

Naquele momento do lançamento do livro de Arruza (2010), ainda não existia o que hoje nomeamos de Teoria da Reprodução Social (TRS)¹², nem Vogel havia sido citada no livro da autora. Agora, em 2025, vemos a necessidade de retomar o debate de “casamentos e divórcios” entre feminismo e marxismo e, para além disso, entre produção e reprodução, e entre exploração e opressões.

Para nós, é relevante resgatar esses três capítulos/artigos e traduzi-los para o português, de modo a difundir-los amplamente para a leitura de todas as pessoas que estudam, debatem e militam no campo do feminismo marxista e, mais ainda, daquelas que se propõem a construir uma teoria unitária, desde a Teoria da Reprodução Social (TRS), como arma para a práxis política revolucionária¹³.

A materialidade concreta do tempo presente reivindica a construção de uma arma teórica capaz de ser resultado e instrumento da luta política. A Teoria da Reprodução Social se apresenta como uma teoria em construção que, nesse sentido, segue sendo disputada. Assim, nos colocamos nessa trincheira muito inspiradas pelas proposições de Lise Vogel, na defesa de uma teoria unitária como contraponto às proposições de sistemas duplos ou triplos. Ou seja, não vemos capitalismo, patriarcado e racismo estrutural como sistemas plenamente autônomos e com leis de movimento próprios, mas sim que a exploração capitalista e as opressões são partes de um mesmo sistema, uno e contraditório, e que as análises devem ocorrer desde a perspectiva de totalidade, que envolvam exploração, opressões, alienação, dominação e expropriações, desenvolvidas em níveis de abstração diversos e integrados¹⁴.

[...] se você segue o fio da reprodução da força de trabalho e de como esses processos de reprodução da força de trabalho se constituem juntamente com a reprodução das mercadorias do sistema capitalista como um todo, é aí que você encontra as raízes de uma maneira criativa de pensar não apenas sobre a opressão de gênero, mas a opressão em geral. Quando você pensa sobre esses processos, o que você entende é que essa divisão rígida – na qual as feministas precisam lidar com a opressão, enquanto os marxistas lidam com a classe – é insustentável e ridícula. Portanto, a verdadeira questão é como as relações de classe são estruturadas por meio de relações opressivas. É isso é

algo que precisamos “pescar” de Marx e Engels (Entrevista com Bhattacharya por Marcelino; Della Torre, 2020, p. 150)

Nos caminhos apontados acima por Bhattacharya, e em concordância com Vogel (1981), não se trata de casamento feliz ou infeliz entre marxismo e feminismo, nem de divórcio entre eles, mas da superação das contradições que os abarcam há quase dois séculos. Para tanto, propomos, com a publicação dessas traduções, retomar o debate e impulsionar proposições teóricas para o que seria uma teoria unitária do tempo presente, inclusive capaz de responder aos dilemas da periferia do capitalismo. Nesse sentido, há que se resgatar autoras invisibilizadas brasileiras, latino-americanas e de demais países Sul Global, bem como estarmos atentas ao risco de recair em análises de sistemas duplos ou triplos, na tentativa de construir uma teoria unitária¹⁵.

Referências:

- ARRUZZA, Cinzia. **Le relazione pericolose** - Matrimoni e divorzi tra marxismo e feminismo. Roma: Edizioni Alegre, 2010.
- ARRUZZA, Cinzia. **Ligações perigosas**: casamentos e divórcios entre marxismo e feminismo. São Paulo: Usina, 2019.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi. Teoria da Reprodução Social: elementos fundamentais para um feminismo marxista. **Contemporânea**. v. 13 n. 2 (2023): Mai.-Ago. 2023, p. 619-651.
- BHATTACHARYA, Tithi (Org.). **Teoria da Reprodução Social**: remapear a classe, recentralizar a opressão. São Paulo: Elefante, 2023.
- BLAY, Eva Alterman. Memorial da Prof.^a Dr.^a Eva Blay ao receber o título de professora emérita. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 1, p. 33–45, 2019. DOI: [10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2019.159742](https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2019.159742). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159742>. Acesso em: 1 mar. 2025.
- BLAY, Eva. O feliz casamento entre feminismo e marxismo In: BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia. **50 Anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile**. A Construção das Mulheres como Atores Políticos e Democráticos. São Paulo: Edusp, 2017.
- FRATESCHI, Yara et al. **Enciclopédia das Mulheres na Filosofia**. Disponível em <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/>. Acesso em: 1 mar. 2025.
- HARTMANN, Heidi. The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a more Progressive Union. **Capital & Class**, 3(2), 1-33, 1979. <https://doi.org/10.1177/030981687900800102>
- MARCELINO, Giovanna; TORRE, Bruna Della. Por um novo casamento entre feminismo e marxismo. Entrevista com Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, v. 28, n. 51, p. 147–159, 2020. DOI: 10.53000/cma.v28i51.18941. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/18941>. Acesso em: 1 mar. 2025.
- MORAES, Livia de Cássia Godoi. Relação entre universal, particular e singular em análises feministas marxistas: por uma ontologia integrativa. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 2, p. 132–158, 2021. DOI: [10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2021.184118](https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2021.184118). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/184118>. Acesso em: 2 mar. 2025.
- RIVER, Coletivo Combahee. Tradução: manifesto do Coletivo Combahee River. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 1, p. 197–207, 2019 [1977]. DOI: [10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2019.159864](https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2019.159864). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159864>. Acesso em: 1 mar. 2025.
- SARGENT, Lydia. **Women & Revolution**. A discussion of the unhappy marriage of Marxism and Feminism. Montreal: Black Rose Books, 1981.

VOGEL, Lise. **Marxism and the oppression of women**. Toward a Unitary Theory. Chicago: Haymarket Books, 2013 [1983].

VOGEL, Lise. **Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

¹ Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Estadual de Campinas. Docente do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Trabalho e Práxis, membra do Grupo de Estudos sobre Teoria da Reprodução Social e do Grupo de Pesquisa Mundo do Trabalho e suas Metamorfoses. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6183475552707235> . Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8284-6605> . Email: livia.c.moraes@ufes.br

² Heidi Hartmann nasceu em 1945, nos Estados Unidos, se formou como economista no *Swarthmore College*, com doutorado na mesma área na *Yale University*. Trabalhou como professora pesquisadora na *George Washington University* e como professora visitante na *New School for Social Research*. Também atuou no *Nacional Research Council/Nacional Academy of Sciences* na *Assembly of Behavioral and Social Sciences*. Aposentou em 2019, quando trabalhava no *Institute for Women's Policy Research* (IWPR), uma organização de políticas públicas centrada nas mulheres. Foi membra do quadro de editoras da revista *Feminist Studies*. Realizou importantes pesquisas sobre tecnologia e trabalho doméstico, com base na teoria feminista marxista.

³ Amy Bridges iniciou o debate em coautoria com Heidi Hartmann, porém, abandonou o projeto, em razão de outros compromissos.

⁴ Trata-se da tradução que segue esta apresentação, cujo original, “The unhappy marriage of Marxism and Feminism: towards a more progressive union” [O casamento infeliz entre marxismo e feminismo: por uma união mais progressista], está no livro de Sargent (1981)

⁵ Agradecemos enormemente a Editora Black Rose Books pela autorização à tradução dos capítulos de Heidi Hartmann, Iris Young e Lise Vogel do livro *Women & Revolution. A discussion of the unhappy marriage of Marxism and Feminism* (1981).

⁶ Iris Marion Young nasceu em 1949 em Nova Iorque e faleceu 2006 em Chicago. Ela graduou-se em filosofia pelo *Queens College* em 1970 e realizou seu mestrado e doutorado em filosofia na Universidade do Estado da Pensilvânia, obtendo o título de Doutora em 1974. Em sua trajetória acadêmica, Young foi professora de Filosofia no Instituto Politécnico de Worcester e na Universidade de Miami. No verão de 1995, foi professora visitante de Filosofia na Universidade Johan Wolfgang Goethe em Frankfurt, Alemanha. No ano de 2000, Young tornou-se professora de Ciência Política na Universidade de Chicago, tendo sido membra do conselho docente do Centro de Estudos de Gênero e do Programa de Direitos Humanos de sua universidade. Após um ano e meio de luta contra um câncer na garganta, a autora faleceu aos 57 anos (Frateschi et al., s.d., s.p.). O capítulo traduzido nesta publicação tem o título *Beyond the unhappy marriage: a critique of the dual systems theory* [Para além de um “casamento infeliz”: uma crítica à teoria dos sistemas duplos].

⁷ Lise Vogel também é estadunidense, nascida em 1938, com formação em Sociologia e História da Arte. Foi militante na esquerda por direitos civis e pela libertação das mulheres por mais de quinze anos. Foi professora e pesquisadora do *Nassau Community College*. O capítulo traduzido nesta publicação é uma versão do capítulo 2 do seu livro *Marxism and the oppression of women. Toward a unitary theory* [Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária], que, à época, tinha o título provisório *Beyond Domestic Labor: women's oppression and the Reproduction of Labor Power* [Para além do trabalho doméstico: opressão às mulheres e reprodução da força de trabalho]. O capítulo traduzido nesta publicação tem o título *Marxism and feminism: unhappy marriage, trial separation or something else?* [Marxismo e feminismo: casamento infeliz, separação experimental ou algo além?]

⁸ Importante salientar que se optou por traduzir, nos textos que se seguem, *blind* por “indiferente” nos casos como *sex-blind* (indiferente a sexo), *gender-blind* (indiferente ao gênero) e *blind to history* (indiferente à história), seguindo decisão tomada na tradução do livro de Vogel (2022), da qual esta tradutora fez parte da equipe, com a preocupação de não recair em capacitismo na tradução de *blind* por “cego”, com sentido pejorativo.

⁹ Segundo o memorial de Eva Blay (2019), ela levou vinte anos para escrever o mencionado texto.

¹⁰ O posicionamento de Blay (2017) reproduz as ideias da teoria dos sistemas duplos de Hartmann.

¹¹ Traduzido no Brasil como *Relações perigosas: casamentos e divórcios entre feminismo e marxismo*, pela editora Usina, no ano de 2019.

¹² Para conhecer mais sobre Teoria da Reprodução Social, ver Arruzza e Bhattacharya (2023) e Bhattacharya (2023).

¹³ Cabe aqui, como nota de tradução, destacar a importância do Grupo de Estudos sobre Teoria da Reprodução Social (GE-TRS), que reúne mulheres do Brasil e da América Latina com o intuito de compreender e fomentar a TRS desde a periferia do capitalismo, afim de construir uma teoria unitária que integre, na perspectiva da totalidade,

outras opressões, como o racismo, LGBTQIAPN+fobia, capacitismo, xenofobia etc. para além da opressão às mulheres. Destacamos que a experiência e o glossário produzido no processo de tradução do livro da Vogel (2022) por nove mulheres do GE-TRS (Camila Caduz, Carla Benitez, Clara Saraiva, Gabriela Azevedo, Lívia Moraes, Mariana Roncato, Patrícia Corta, Patrícia Rocha e Rhaysa Ruas), foram fundamentais para a tradução das três publicações que se seguem a esta apresentação.

¹⁴ Para aprofundamento sobre método, mais precisamente totalidade e níveis de abstração na Teoria da Reprodução Social, ver Moraes (2021).

¹⁵ Aqui, chamamos a atenção para o rigor teórico-metodológico, especialmente nas aproximações com autoras autonomistas, decoloniais, economistas feministas, feministas materialistas, dentre outras vertentes, que, no limite, não têm por objetivo produzir uma teoria unitária alicerçada no marxismo. O mencionado, de modo algum, torna essas análises menores ou menos relevantes.

Recebido em: 06 de mar. de 2025

Aprovado em 02 de mai de 2025